



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

PAULA FELÍCIA SARAIVA GOMES

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS CONTOS “AMOR” E  
“LAÇOS DE FAMÍLIA”, DE CLARICE LISPECTOR**

CATOLÉ DO ROCHA - PB  
2023

PAULA FELÍCIA SARAIVA GOMES

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS CONTOS “AMOR” E  
“LAÇOS DE FAMÍLIA”, DE CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633r Gomes, Paula Felicia Saraiva.  
A representação da mulher nos contos "amor" e "laços de família", de Clarice Lispector [manuscrito] / Paula Felicia Saraiva Gomes. - 2023.  
47 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.  
"Orientação : Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro ,  
Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "  
1. Personagens femininas. 2. Conflitos familiares. 3.  
Maternidade. I. Título  
  
21. ed. CDD B869.3

PAULA FELÍCIA SARAIVA GOMES

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS CONTOS "AMOR" E  
"LAÇOS DE FAMÍLIA", DE CLARICE LISPECTOR**

Aprovada em: 28 / 11 / 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

*Ana Paula Lima Carneiro*

\_\_\_\_\_  
Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro  
UEPB - CCHA/DLH

*Fábio Pereira Figueiredo*

\_\_\_\_\_  
Examinador: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo  
UEPB - CCHA/DLH

*Auribio Farias Conceição*

\_\_\_\_\_  
Examinador: Prof. Dr. Auribio Farias Conceição  
UEPB - CCHA/DLH

Ao meu noivo, Carlos Alexandre Santos Aleluia, que esteve comigo em todos os momentos. Aos meus pais, Franceilza Saraiva Apolinario e Francisco Gomes Saraiva que me apoiaram nesta trajetória.  
**Dedico.**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, que com sua infinita bondade e amor me ajudou e deu força nos momentos mais difíceis desta trajetória.

Ao meu querido noivo, **Carlos Alexandre Santos Aleluia**, que esteve comigo nos melhores e piores momentos, me encorajando e ajudando quando tudo parecia difícil, meu porto seguro em toda esta jornada, e que hoje e sempre celebra comigo todas as conquistas que é fruto da nossa dedicação.

Aos meus pais, **Franceilza Saraiva Apolinario** e **Francisco Gomes Saraiva**, que sempre sonharam comigo e não mediram esforços de incentivo.

Aos meus colegas de curso, **Rodrigo**, **Flávia**, **Jaciara** e **Vitória** que desde o início estiveram todos juntos nesta jornada acadêmica.

A minha orientadora **Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro**, que tenho carinho e admiração desde o dia em que a escolhi, e que sempre com bastante paciência me guiou nesta pesquisa para que fosse o melhor possível.

A todos vocês, muito obrigada!

*“O destino de uma mulher é ser mulher.”  
(Clarice Lispector)*

## A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS CONTOS “AMOR” E “LAÇOS DE FAMÍLIA”, DE CLARICE LISPECTOR

### RESUMO:

A pesquisa aqui apresentada aborda a representação feminina na obra *Laços de Família* publicada em 1960 da escritora Clarice Lispector, mais especificamente nos contos “Amor” e “Laços de Família”. O estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e, tomamos como base os pressupostos teórico-metodológicos de: Bosi (2015), Candido (2006), Gotlib (2013), Moser (2017), Zolin (2009), dentre outros. Concluiu-se que as personagens femininas protagonistas dos contos estudados, Ana e Catarina, representam a condição da mulher dentro do contexto do sistema patriarcal, estando elas condicionadas ao casamento e à maternidade. Nesta perspectiva, as protagonistas representam a mulher silenciada pelo patriarcado, subjugada ao marido e enclausurada no ambiente doméstico, local de destaque na narrativa clariceana. Além disso, verificou-se que Ana e Catarina experienciam uma tomada de consciência, através do chamado momento epifânico, que as fazem enxergar seu espaço e situação de modo diferente e, inclusive, vislumbrar o mundo para além das amarras do patriarcado. Por conseguinte, constatou-se que as personagens representam a figura feminina, os dilemas, preconceitos e rótulos a elas impostos no decorrer dos séculos. Isto posto, os contos também ironizam a fragilidade das relações familiares, as quais são naturalmente permeadas por conflitos.

**Palavras-Chave:** Personagens femininas; Conflitos familiares; Maternidade.



# THE REPRESENTATION OF WOMEN IN THE SHORT STORIES “LOVE” AND “LAÇOS DE FAMÍLIA”, BY CLARICE LISPECTOR

## ABSTRACT:

The research presented here addresses female representation in the work *Laços de Família* published in 1960 by the writer Clarice Lispector, more specifically in the short stories “Amor” and “Laços de Família”. The study was developed through bibliographical research of a qualitative nature and was based on the theoretical-methodological assumptions of: Bosi (2015), Candido (2006), Gotlib (2013), Moser (2017), Zolin (2009), among others. It was concluded that the female protagonists of the stories studied, Ana and Catarina, represent the condition of women within the context of the patriarchal system, being conditioned to marriage and motherhood. In this perspective, the protagonists represent the woman silenced by patriarchy, subjugated to her husband and cloistered in the domestic environment, a prominent place in Clarice's narrative. Furthermore, it was found that Ana and Catarina experience an awareness, through the so-called epiphanic moment, which makes them see their space and situation differently and even glimpse the world beyond the constraints of patriarchy. Therefore, it was found that the characters represent the female figure, the dilemmas, prejudices and labels imposed on them over the centuries. That said, the stories also ironize the fragility of family relationships, which are naturally permeated by conflicts.

**Key-words:** Female characters; Family conflicts; Maternity.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 LITERATURA E SOCIEDADE.....</b>	<b>13</b>
2.1 A representação da mulher na literatura de autoria feminina.....	13
2.2 Clarice Lispector: Vida e obra.....	16
<b>3 AS PERSONAGENS FEMININAS NO UNIVERSO DOS CONTOS “LAÇOS DE FAMÍLIA” E “AMOR” DE LISPECTOR.....</b>	<b>20</b>
3.1 Laços de família e amor: um breve relato.....	24
3.2 A rotina silenciosa de Ana.....	27
3.3 O exílio doméstico de Catarina.....	36
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura, como arte da palavra que tão bem delinea as mais diferentes faces do ser humano, seus dilemas, seus sonhos e inquietações, também possui estreita relação com o que ocorre nas sociedades, sendo o texto literário um espelho daquilo que permeia as civilizações ao longo de sua trajetória. Ora, pensando, pois sob essa ótica, é inegável o diálogo entre literatura e contexto social, posto que as sociedades – em seus mais diversos aspectos, temáticas e contradições – também estão representadas na literatura.

Desta maneira, a figura feminina tem sido representada de diversas maneiras através das obras literárias. Com efeito, considerando que a mulher possui, quase sempre, um lugar de invisibilidade, silenciamento e submissão ante a figura masculina, o texto literário é um instrumento que permite explorar e refletir estes aspectos, além de conceder também às autoras uma oportunidade de verbalizar suas ideias e de superarem e subverterem esse sistema machista e misógino que ao longo dos séculos condicionou a mulher a um lugar de inferioridade nas mais diferentes conjunturas sociais.

Assim, a literatura de autoria feminina é também um mecanismo de resistência e de empoderamento da mulher que, através do texto literário, traz à tona as suas visões de mundo, suas percepções acerca do sistema social em que está inserida e do exílio que este, quase sempre, atribui à mulher. Logo, compreende-se a relevância da literatura de autoria feminina não apenas para a emancipação das autoras que a produzem, mas também da mulher leitora dessas obras, bem como para a propagação de uma literatura que combata os preconceitos atribuídos a este público.

Com efeito, dentre as autoras que se dedicaram e se destacaram na tradução do universo feminino, pode-se citar Clarice Lispector. Nascida na Ucrânia em 1920 e, vindo com os pais ao Brasil na tentativa de fuga da perseguição à comunidade judaica da qual descendia, a autora fixou residência, a princípio em Maceió, depois em Recife e, por fim, no Rio de Janeiro. Naturalizou-se, pois, em terras brasileiras e considerava-se pernambucana. Destacou-se na produção de romances, crônicas, contos e obras destinadas ao público infanto-juvenil, Clarice Lispector é reconhecida por sua escrita fortemente intimista, que penetra no psicológico das personagens e,

inclusive, que descreve com sensibilidade e intensidade os dilemas que estes vivenciam. Neste sentido, Lispector utilizou-se do texto literário para expor a condição feminina numa sociedade controversa, machista e falocêntrica.

Esta pesquisa aborda a representação da mulher nos contos “Amor” e “Laços de Família” presentes na obra *Laços de família*, publicada em 1960. Para tanto, o estudo parte da seguinte problemática: Como Clarice Lispector constrói as personagens femininas protagonistas dos contos “Amor” e “Laços de Família”? Com efeito, a problemática se volta ao entendimento de como a condição feminina das personagens protagonistas é apresentada na narrativa, enfatizando a representação da mulher na produção e percepção clariceana.

Para tanto, foi delimitado como objetivo geral: Analisar como Clarice Lispector constrói a personagem feminina nos contos “Amor” e “Laços de Família”. Como objetivos específicos, foram delimitados: compreender o papel que os conflitos familiares desempenham nas narrativas; entender de que forma a maternidade é abordada por Clarice Lispector em ambos os contos e analisar o papel subalterno da mulher nos contos “Amor” e “Laços de Família” a partir das experiências das personagens Ana e Catarina.

A escolha da temática se justifica pelo entendimento da relevância da obra, *corpus* de estudo, para o entendimento da condição feminina retratada por Clarice Lispector, bem como para apreciação e reflexão da obra autora, através da análise dos contos elencados e suas particularidades. Nesta perspectiva, a pesquisa torna-se relevante por propor uma análise comparativa entre os dois contos, apontando pontos em que estes se aproximam, bem como aspectos em que se distanciam e de que forma a mulher é apresentada por Lispector, quais seus dilemas, aspirações e de que maneira Ana e Catarina podem ou não ser reflexo do espaço legado à mulher no âmbito da sociedade.

Esta pesquisa está estruturada em dois capítulos, de modo que o primeiro, “Literatura e sociedade” apresentará aspectos acerca da relação entre literatura e sociedade, pontuando ideias em torno da representação da mulher na literatura de autoria feminina, bem como apresentando dados acerca da vida e obra de Clarice Lispector.

Subsequentemente, o segundo capítulo intitulado “As personagens femininas no universo dos contos “laços de família” e “amor” de Lispector”, iniciando com a

apresentação do resumo da obra *Laços de Família*, com destaque aos dois contos que serão explorados: “Amor” e “Laços de Família”. Ainda no segundo capítulo, tratar-se-á das personagens femininas em destaque em cada conto, respectivamente: Ana e Catarina.

Por fim, são apresentadas as considerações finais decorrentes da análise realizada bem como as referências bibliográficas que embasaram o estudo. Espera-se, pois, que a leitura dos contos apresentados desperte o interesse de novos estudos que possam contribuir para expandir o debate acerca da obra clariciana e, especialmente, da forma como esta autora apresenta o universo feminino em suas narrativas.

## 2 LITERATURA E SOCIEDADE

### 2.1 A representação da mulher na literatura de autoria feminina

A literatura, em diálogo com a sociedade, tem representado ao longo da trajetória humana, as transformações, sentimentos e condições de vida dos sujeitos. Assim sendo, também a condição feminina é representada através das páginas dos textos literários.

Lúcia Osana Zolin (2009) observa que a crítica feminista, surgida por volta de 70 no contexto do feminismo, impulsionou uma tradição literária feminina até então desconsiderada pela história da literatura. Assim, tomando como elemento direcionador a bandeira do feminismo e, logo, a ótica da alteridade e da diferença, muitos historiadores literários começaram a resgatar e a reinterpretar a produção literária de autoria feminina, na intencionalidade de historicizá-la, fato que se constituiu como resistência à ideologia que historicamente vinha regulando o saber acerca da literatura.

O surgimento do movimento feminista foi um divisor de águas na militância feminina em prol de igualdade de direitos na sociedade que, em essência, tem privilegiado o homem ao decorrer dos séculos. Assim sendo, também na literatura o feminismo trouxe contribuições, posto que escancarou problemáticas motivando especialmente autoras a darem visibilidade à figura feminina na obra literária. No entanto, é oportuno lembrar, ainda, que:

Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe. média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. Para a mulher inserir-se nesse universo, foram precisos uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo (Zolin, 2009, p. 326).

Como podemos observar no cenário literário a figura masculina, durante muito tempo, prevaleceu. Diante disso, as produções de autoria feminina foram marginalizadas, silenciando suas autoras. Contudo, a mudança de postura dessas mulheres, a partir também da influência do feminismo, deu-lhes motivação para

romper esse ciclo e trazer à tona suas vozes. Nesse sentido, passou-se a se conhecer o que mulheres tinham a dizer sobre a sua participação no mundo, seus dilemas, as desigualdades das quais eram vítimas, os rótulos que lhes eram atribuídos – quase sempre pautados nos princípios do patriarcado – e, ainda, as suas ambições, desejos e inquietações diante desse universo.

Desta maneira, a literatura de autoria feminina é uma ponte e, também, um instrumento de denúncia do silenciamento e subjugação feminina no cerne da sociedade falocêntrica, a qual destinava a esse grupo social o casamento, a vida no lar e o cuidado dos filhos. Acerca do caráter dialógico entre literatura e sociedade. Candido (2010) destaca que a arte em esse caráter social, tendo em vista que necessita da ação de fatores do meio, que se expressam na obra em graus diversos de sublimação, produzindo sobre os indivíduos um efeito prático, alterando a sua conduta e visão de mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais.

A representação da figura feminina na literatura e, especialmente na literatura de autoria feminina, parte justamente dos fatores do meio social para escancarar as condições, papéis e dilemas da sociedade ao longo da história. Assim, a partir da percepção de diversas autoras, e ressignificando o espaço da personagem feminina na literatura, sendo esta apresentada, agora, por mulheres, foi possível dar início a um período em que a mulher entra em evidência, ainda que em meio às lutas para consolidar direitos e conquistar empoderamento.

Com efeito, de acordo com Schwantes (2006) a literatura se mostra um campo privilegiado de representação do feminino. Segundo a autora, por motivos diversos, a literatura é a carreira artística mais largamente exercida por mulheres. De modo igual, a existência, a partir da Idade Moderna, de um expressivo público feminino, influenciou e ainda influencia considerável pressão no sentido da representação de uma experiência feminina, bem como sobre as formas nas quais essa representação acontece. Justamente, a obra de Lispector representa um importante legado no âmbito da literatura feminina não apenas por ter sido produzida por uma mulher, mas pela profundidade com a qual a escritora se debruçou sobre a mulher e os dilemas em torno de sua vida em sociedade.

Nesta perspectiva, Schwantes (2006) afirma que a representação do feminino é regida por convenções que enfrentaram mudanças significativas no decorrer do tempo. Isso ocorreu conforme as possibilidades que foram socialmente abertas às

mulheres tiveram sua ampliação em consequência do acesso ao mercado de trabalho e ao ensino superior, e a inserção em uma ordem social mais ampla, como o configurado pela conquista do voto feminino (ocorrido na Inglaterra em 1917, nos Estados Unidos em 1919 e no Brasil em 1932). Por conseguinte, as produções literárias deste contexto político e histórico, apresentam protagonistas que dialogam com essas mudanças, as quais sinalizam divisores de água na forma como a mulher reivindica e ocupa espaços na sociedade. Mediante a isto, Schwantes (2006) analisa que as possibilidades de auto-asserção e de controle da própria vida são, sem dúvida, maiores para as heroínas de Dorothy Richardson e de Katherine Ann Porter do que haviam sido para as de George Elliot ou de Charlotte Brontë.

Com efeito, a autora supracitada observa que há alguns anos, a revista *Veja* elaborou um ranking dos principais escritores dentro da literatura brasileira, solicitando a vários professores de literatura de universidades renomadas que elaborassem uma lista de 10 escritores imprescindíveis na literatura brasileira. Para a inclusão desses autores na lista final, partia-se do critério o aparecimento do autor ou autora ao menos mais de uma vez nas listas individuais. Observou-se que apenas uma mulher foi incluída - e a lista incluía poesia e prosa. Clarice Lispector foi a única autora incluída, deixando de fora ao menos uma autora também importante, Cecília Meireles.

É inegável, também, que a representação feminina também está carregada das ideologias que atravessam seus autores, especialmente quando se tratam de mulheres que se dedicam a escrever e dar vida às personagens femininas. Sobre tal aspecto, Souza (2005) sublinha que muitas vezes os escritores utilizavam as personagens femininas para que seus pensamentos soassem na voz de suas personagens. Muito do discurso dessas personagens, carrega um teor ideológico e social pautado em fatos e acontecimentos da vida real. Na literatura brasileira, isso expressa o modelo social organizado a partir dos ditames do sistema patriarcal. Percebe-se, pois, que mesmo tendo uma maior visibilidade e destaque nas obras de autoria feminina, a personagem feminina ainda tem estreita ligação com este sistema patriarcal também pelo fato de que os conflitos que vivencia quase sempre estão enraizados neste sistema.

Schwantes (2006) analisa, no entanto, ao citar como exemplo a personagem protagonista do romance de formação feminina dos séculos XVII e XVIII que estas



personagens serão frequentemente órfãs, e receberão uma dose de educação acadêmica das mãos do pai ou do tutor. Desta maneira, por um lado, elas não receberão uma educação de mocinhas, mas em contrapartida, terão uma educação, embora não formal, em história, filosofia, línguas estrangeiras, ou seja, uma educação masculina, capaz de torná-las aptas ao pensamento independente. A autora ainda reforça que a educação será sempre um elemento fundamental no romance de formação, especialmente quando a protagonista for mulher.

## 2.2 Clarice Lispector: Vida e obra

A escrita de autoria feminina no Brasil ganhou, ao longo da sua trajetória, o contributo de diversas escritoras que se consagraram pela sensibilidade e clareza com que, através da arte literária, esmiuçaram esse universo feminino. Dentre elas, pode-se citar a autora Clarice Lispector. A história de Lispector é marcada por momentos adversos, mas também pela busca por seu lugar no mundo e pela construção da sua identidade. Conforme informa Nádia Battella Gotlib (2013) Haia ou Clarice nasceu em dezembro de 1920 na Ucrânia.

Todavia, a menina nascera em períodos de instabilidade política, conforme expõe Gotlib (2013) posto que sua família era judia e este grupo social sofreu expressiva perseguição devido à guerra civil que acontecia na Ucrânia após a Primeira Guerra Mundial e as Revoluções Russas de 1917, fator que deixava o país dividido entre as forças nacionalistas ucranianas separatistas e as forças russas comunistas. Com efeito, é “Nesse território atribulado por preconceitos racistas e por questões políticas que nasce Haia, depois, Clarice, trazendo na sua história ancestral as marcas de múltiplas raízes – russa, ucraniana, judaica” (Gotlib, 2013, p. 28).

O trecho acima já aponta a necessidade que Clarice teria, desde a infância, de superar as adversidades e construir-se no mundo turbulento em que vivia. Contudo, diante do agravamento do conflito que os cercava, a família decidiu fugir e buscar refúgio no Brasil. Foi, pois, no Brasil, que Clarice desenvolveu a sua produção literária, a qual tem como enfoque a personagem feminina. Trata-se de uma escrita com densidade psicológica, debruçada sobre os problemas que cercam

a natureza feminina dentro das convenções impostas à mulher no decorrer dos séculos.

Gotlib (2013) menciona que a família chegou ao Brasil, após longa viagem de fuga, aportando no Nordeste, em Maceió, onde tinham parentes. Apesar de ser a capital do estado, Maceió era uma cidade muito pequena. Na época, Clarice tinha um ano e três meses, era março de 1922. Consta que a família permaneceu ali por três anos. De Alagoas, partiram para Recife, chegando em 1925, época em que Lispector tinha quase cinco anos. Anos mais tarde, a menina e sua família também mudaram-se para o Rio de Janeiro, residindo no Bairro da Tijuca. Foi um período de grande crescimento para a autora que já evidenciava seu gosto pela leitura.

A partir do conhecimento dos eventos que marcaram a vida de Clarice Lispector, sobretudo na infância, pode-se ver que estes foram também preponderantes para a construção da autora. Isto porque, os fatos que a marcaram, aliados à sua sensibilidade nata, fizeram de Lispector uma escritora competente em desvendar ou mesmo buscar retratar da forma mais fiel possível, as contradições humanas, as inquietações, através de uma linguagem altamente poética e de personagens que refletem os estados da alma humana, posto que a escrita clariciana tem também esse caráter intimista. Com efeito, mesmo na infância, a autora denota uma percepção madura e sensível do mundo que a cercava e da sociedade da qual fazia parte. É notório, pois, que:

[...] a menina de então tinha uma percepção sensível se mantinha alerta a como se comportavam as pessoas. A própria Clarice confirma essa aptidão, numa crônica escrita nos anos de 1960 e intitulada “A Descoberta do Mundo”, quando evoca a delicadeza, que ela tem, e a grossura de camponesa, que a salva, para contar a história de como descobriu, quando menina, como uma mulher e um homem se unem (Gotlib, 2013, p. 80).

Justamente, a percepção de mundo de Clarice foi primordial para a genialidade de sua obra, conforme indica a autora supracitada. Nessa perspectiva, as questões em torno da figura feminina, especialmente relacionadas aos relacionamentos amorosos, casamento e vida doméstica, são tônicas da obra de Lispector, que se tornou uma das maiores referências de autoria feminina do século XX no Brasil. Com efeito, descobriu-se escritora na medida em que se deixava mergulhar na arte literária. Assim, de acordo com Gotlib (2013), um dia Clarice

descobriu uma seção infantil de um jornal de Recife e entusiasmou-se em enviar para lá algumas colaborações.

Gotlib (2013) destaca que os primeiros textos de autoria de Clarice que carregam já a marca de seus futuros textos: são pequenos contos, enviados pelo Correio, com o auxílio de sua irmã Tania, para a seção infantil das quintas-feiras de um jornal de Recife, a que por vezes se refere como o *Diário da Tarde*, mas que era, na verdade, o *Diário de Pernambuco*. A autora lembra ainda, que os textos enviados por Clarice a este jornal não foram publicados, fato que Lispector sempre destacava em seu discurso. No entanto, é oportuno destacar a importância que essa vivência teve para alimentar e motivar a autora a desenvolver a sua obra.

Gotlib (2013) lembra o discurso de Lispector quando esta afirma que nunca ganhou nada em razão de que todas as histórias vencedoras relataram fatos verídicos e, as dela, no entanto, continham sensações e emoções vividas por personagens fictícias. Revelava-se, pois, uma escrita intimista, através da qual a autora, anos mais tarde e no seu processo de amadurecimento, revelaria a alma humana e, especialmente, a alma feminina, seus sentimentos mais íntimos e seu espaço na sociedade.

Em sua obra intitulada *Clarice, uma biografia que se conta*, de Benjamin Moser (2009), o pesquisador observa que a alma exposta na obra da escritora é a alma de uma mulher só, porém, dentro dela encontra-se toda a gama da experiência humana. Eis a razão pela qual Clarice Lispector já foi descrita de diferentes formas: nativa e estrangeira, judia e cristã, bruxa e santa, homem e lésbica, criança e adulta, animal e pessoa, mulher e dona de casa. Por ter retratado tanto da sua experiência íntima, ela podia ser convincentemente tudo para todos, venerada por aqueles que encontravam em seu gênio expressivo um reflexo de sua própria alma.

O discurso do autor reforça uma imagem de mulher misteriosa, criativa, irreverente e à frente de seu tempo. Lispector é descrita como uma escritora que não está presa aos moldes tradicionais de autores até então vistos, mas que tem uma percepção aguçada e diferente da realidade também pelo fato de ter vivenciado, desde cedo, as incoerências do mundo, conflitos graves e tensões como a guerra da qual ela e a família fugiram. As experiências difíceis que viveu foram também responsáveis pelo seu amadurecimento precoce, embora a autora demonstrasse interesse em deixar esse passado totalmente para trás:

[...] Mas mesmo um artista universal emerge de um contexto específico, e o contexto que produziu Clarice Lispector era inimaginável para a maioria dos brasileiros – ao menos, certamente, para seus leitores de classe média. Não admira que nunca falasse sobre ele. As raízes de Clarice, nascida a milhares de quilômetros do Brasil, em meio a uma horripilante guerra civil, com a mãe condenada à morte por um ato de indizível violência, eram inconcebivelmente pobres e brutais (Moser, 2017, p. 13).

Desse contexto, no entanto, nasce e cresce a mulher e a escritora. Moser (2017) ainda percebeu que embora Clarice tenha se tornado uma das glórias da literatura brasileira, ela sempre esteve em desajuste com a cultura nacional. Sua vida se parecia mais à dos judeus refugiados do século XX do que à realidade especificamente brasileira.

Entretanto Moser (2017) sublinha que a grande descoberta de Clarice foi a literatura. Segundo ele, na infância o impulso criativo sempre esteve presente, na nomeação dos lápis e dos azulejos do banheiro à redação da peça de três páginas “Pobre menina rica, passando pela narração de suas histórias milagrosas sobre a mãe.” (Moser, 2017, p. 101). No entanto, o autor analisa que as fantasias infantis de Lispector são uma coisa, e a literatura outra. Todavia, conforme vai se apropriando da leitura, através do hábito contínuo de desvendar livros diversos, a menina passa a alimentar o desejo de também tornar-se escritora: “[...] Eu pensava que livro é como árvore, é como bicho: coisa que nasce! Não descobria que era um autor! Lá pelas tantas, eu descobri que era um autor! Aí disse: ‘Eu também quero’” (Moser, 2017, p.101).

Também como o biógrafo acima, Alfredo Bosi (2015) percebeu a literatura de Lispector como um projeto no qual há a possibilidade de discutir a ficção por meio de questões da recepção contemporânea, cujos temas direcionam-se para o indomesticado, o selvagem, o primitivo, a impessoalidade e alteridade.

Partindo da leitura que os autores supracitados fazem da biografia de Clarice Lispector e, estabelecendo um diálogo com a vida e acontecimentos que marcaram a vida dessa autora, pode-se vê-la como uma mulher que utilizou-se de sua sensibilidade e visão aguçada do mundo para problematizar as questões acerca do universo feminino. Tais questões quase sempre enfatizadas a partir de contextos problemáticos dentro do próprio lar, espaço onde a mulher quase sempre é levada a

permanecer por toda a vida em função de um casamento e da maternidade. O projeto de Clarice, no entanto, destina-se a dar vazão aos sentimentos dessas mulheres de forma que as protagonistas de suas obras são impelidas por um dado acontecimento a despertarem do silenciamento e da clausura a que são submetidas.

### **3 AS PERSONAGENS FEMININAS NO UNIVERSO DOS CONTOS “LAÇOS DE FAMÍLIA” E “AMOR” DE LISPECTOR**

Conforme observa Gotlib (2013) o primeiro texto publicado por Clarice Lispector teve como título: “*O Triunfo*” e fizera parte do periódico Pan, no Rio de Janeiro, em 25 de maio de 1940. Todavia, Gotlib (2013) afirma que esta informação não coincide com a afirmação da própria Clarice a qual declarou em um dos seus depoimentos que sua primeira publicação teria sido por volta dos quatorze, quinze anos, em um periódico chamado *Vamos Lêr!*

Com efeito, o fato é que Clarice publicou diversos contos, bem como atuou, a princípio, fazendo entrevistas, reportagens e traduções. Seu primeiro contato com a escrita profissional se deu, conforme a autora afirmou, através de textos que produzia para jornais e revistas. Embora se denominasse tímida, Clarice também reconhecia em si mesma a ousadia que a fazia procurar as oportunidades de publicar seus escritos, embora não recebesse pagamento por isso:

[...] a produção literária de Clarice nasce para o público concomitantemente a uma atividade jornalística. Além da contemporaneidade da produção, efetiva-se um intercâmbio de recursos entre tais modos de trabalhar a linguagem – o literário e o jornalístico – que se autocomplementam (Gotlib, 2013, p. 177).

Assim, Gotlib (2013) informa que seu primeiro romance foi *Perto do coração selvagem* (1943) onde a autora traz com seu modo irreverente e inovador, a personagem Joana, um dos perfis de mulher que iriam se destacar em suas obras, posto que suas produções vão apresentando a personagem feminina de um modo singular no decorrer de sua carreira. Gotlib (2013) enfatiza que Clarice afirmava não ter nenhuma pretensão com o lançamento de *Perto do coração selvagem* que fora resultado das primeiras folhas “soltas” que escrevera quando ainda solteira no ano de 1942.

Desta maneira, neste estudo, foram escolhidos para análise dois contos pertencentes à obra *Laços de Família*, cuja publicação se deu no ano de 1960. De acordo com Gotlib (2013) muitos dos contos inseridos nessa obra já haviam sido publicados no volume *Alguns Contos* ou mesmo na imprensa brasileira, especialmente na revista *Senhor*.

Os contos pertencentes à obra acima citada trazem uma leitura em torno dos dramas e conflitos familiares com enfoque, quase sempre, à figura feminina – inclusive à maternidade. Logo, são narrativas que lançam um olhar sobre esse papel da mulher na sociedade e conforme explica Gotlib (2013) o primeiro deles intitulado “Devaneio e embriaguez de uma rapariga” assume um viés também bem-humorado e aborda a história de uma mãe e esposa que escapa da rotina. Tal conto apresenta, inclusive “[...] o ‘jeito luso’, patente na personagem que é portuguesa e no seu jeito de falar, com vocabulário e sintaxe que a contista faz questão de realçar.” (Gotlib, 2013, p. 400).

Por sua vez, em “A imitação da Rosa” tem-se o pendor artístico da personagem, pelo imaginário. Gotlib (2013) aponta que Clarice apresenta nesta narrativa a história de Laura que tenta recuperar a vida por meio da “imitação” ou pela arte. O conto aborda, inclusive, a doença e a sanidade, posto que a personagem recém-saída de um sanatório e vítima dos olhares de outros, passa a viver a cisão entre duas tendências distintas: a obediência consciente às ordens médicas e o abandono a estas, de modo a viver naturalmente.

Em “A menor mulher do mundo”, Clarice traz uma personagem que seria, conforme analisa Gotlib (2013) o bicho-selvagem que reage de forma instintiva. Aquela que ri quando não está sendo devorada, e em razão disso, sobrevive. Um dado acerca deste conto é que nele a escritora apresenta uma confissão reiterada de seu amor por bichos que em suas próprias palavras consiste em “uma das coisas ainda muito próximas de Deus”. Também neste conto, percebe-se que a protagonista sai da condição de vítima para se impor diante daquele que lhe subjugava.

O conto intitulado “Preciosidade” traz, assim como outros desta obra, uma ideia de descoberta de identidade. Gotlib (2013) diz, ainda, que o texto foi dedicado à Mafalda Veríssimo, amiga de Clarice. Ele narra a história de uma moça de quinze anos que vive desenhando riscos dentro dos limites de um espaço determinado ou

desprende-se desenhando “estrelas, estrelas, estrelas”. Em um dado momento, quando na ida à escola, dois vultos se aproximam dela que é tocada e ao voltar tem um momento de despertar da consciência por esse ver o outro, por ele ser tocada, ganhar sapatos novos, perder a “preciosidade” e ver-se feia no reflexo do espelho.

Com efeito, Gotlib (2013) sublinha que quase sempre a construção da identidade das personagens clariceanas ocorre por meio de uma transgressão dolorosa. Como exemplo disso, tem-se o conto “O Crime do Professor de Matemática” que, como sugere o título, se constrói a partir de vários crimes, a começar pelo abandono de um cão.

O conto “O búfalo”, que narra a história de inconformação e revolta de uma mulher desprezada pelo amado, traz segundo analisa Gotlib (2013) uma mulher que mergulha no seu papel de “fêmea desprezada”, bestializando-se na figura de mulher com casaco marrom que assume traços e comportamentos animais. Ao fazer uma relação entre o título do conto e esse comportamento, vê-se que a autora deu visibilidade a uma mulher tomada pelos instintos mais primitivos em razão da dor da rejeição e da revolta. Tem-se, assim, uma percepção da mulher desprovida da sua personificação humana, mas reduzida à condição de um bicho feroz.

Por sua vez, “Feliz Aniversário” apresenta a identidade social da família através da personagem principal do conto, a avó. Numa situação desconfortável em que a família se reúne para celebrar o aniversário da matriarca, Clarice apresenta com fina ironia conflitos, desconfortos, dissimulações e dramas familiares. A matriarca da família evidencia, em sua postura rígida e indiferente, o desconforto em estar cercada pelos entes. Nota-se, pois, a fragilidade das relações familiares, embora se trate de uma celebração da vida, são notados sentimentos de repulsa, falsidade e desprezo, apontando que as relações humanas são também cercadas por esses conflitos e sentimentos, os quais por vezes são velados.

“Uma galinha” é uma narrativa em que Clarice parte, também, do cotidiano familiar. Trata-se de um conto em que uma família aguarda a refeição em um dia de domingo. Há, na caracterização da galinha, um diálogo com a maternidade e a própria representação feminina (especialmente em seu papel de mãe). Neste conto, Lispector também ironiza os laços familiares, os quais por vezes acabam por assumir traços de aprisionamento dos entes familiares. Neste conto, vê-se em

evidência uma mulher pertencente à classe média e acomodada à zona de conforto que é o próprio lar.

Em “Começos de uma fortuna” Clarice escancara, novamente, as relações de gênero com ênfase às relações de poder nas quais a figura masculina assume posição de destaque. É um conto, pois, onde a representação da figura masculina e seu comportamento ante a figura feminina têm muito a dizer sobre esses processos de dominação nas inter-relações. Neste conto, tem-se a personagem Artur, um menino obcecado por dinheiro que se vê preocupado com formas de ganhá-lo. Trata-se, pois, de uma narrativa onde estão evidenciados aspectos como a construção da masculinidade e da misoginia.

O conto “Mistério em São Cristóvão” parte de um encontro das personagens através do qual ocorre um momento epifânico. Tal momento de revelação, na obra clariciana, ocorre quase sempre de uma experiência com o outro através da qual o sujeito tem consciência de si mesmo, da vida e do mundo que o cerca. Quase sempre são mulheres que vivenciam esse momento de despertar psíquico e emocional, o que sugere também essa inclinação da autora em mostrar a mulher como um ser quase sempre fechado em si mesmo diante das amarras que a ela são impostas pela cultura do patriarcado.

O ato de comer é o elemento simbólico usado por Clarice em “O jantar”. Isso porque, a partir desse momento da alimentação do homem, Clarice tece uma reflexão sobre os aspectos psicológicos do ser humano diante da própria vida. Justamente, nesse conto a escritora parte do momento em que o homem se alimenta para descrever não apenas esse contato físico com a comida, mas também aspectos da personalidade deste homem como a brutalidade, a gula que não apenas está relacionada ao ato de alimentar-se, mas de um modo geral, dando a este homem um caráter animalesco.

Por fim, Clarice também apresenta nesta obra os contos “Amor” e “Laços de Família”, os quais serão analisados e comparados nesta pesquisa. “Amor” é uma narrativa que coloca uma mulher, Ana, em evidência no que concerne à densidade psicológica atribuída pela autora. Também a personagem tem o seu momento de epifania após a visão de um homem cego mascando goma. Na narrativa, embora existam outros personagens, a solidão da mulher em meio a esse momento de



despertar íntimo traz à tona, novamente, a representação da mulher e sua posição social.

“Laços de Família”, o conto que nomeia a obra, como sugere o título faz uma relação com as relações em família e os conflitos internos das personagens clariceanas. A fragilidade dos laços humanos, inclusive no âmago familiar, é realçada neste conto e, inclusive, a condição feminina especialmente dentro de uma conjuntura familiar. Isto posto, a seção seguinte trará um breve resumo dos contos acima descritos para, posteriormente, analisar as personagens femininas que se destacam em tais narrativas.

### 3.1 Laços de família e amor: um breve relato

Conforme informa Gotlib (2013) *Laços de Família* ganhou logo uma segunda edição, em 27 de julho de 1960. Com capa caprichada e volume encorpado, a edição integra a “Coleção Alvorada” e, em nota, anuncia o retorno de Clarice às letras, depois de haver se ausentado do país durante uma longa temporada e de ter ficado mais de dez anos sem publicar livros, ignorando a última publicação, de tiragem e distribuição reduzida, dos seus seis contos editados em 1952 e reeditados, com outros, nesta edição de 1960.

Assim, os contos “Amor” e “Laços de Família”, que fazem parte da obra, são narrativas que partem de um contexto familiar e dão ênfase às relações que se estabelecem nesse âmbito no qual os sentimentos e condutas das personagens são evidenciados dada a densidade psicológica que Lispector concede a estas. Justamente, por ser uma autora que deu voz e visibilidade à figura feminina, também nestes contos a mulher e suas inquietações são evidenciadas, lançando luz a questões que permeiam o universo feminino como o casamento, a maternidade e o local ao qual a mulher quase sempre é inserida, o de subalternidade e invisibilidade em detrimento ao espaço da figura masculina na sociedade como um todo. Com efeito, Zolin (2009) observa que:

A obra de Clarice Lispector significa, na trajetória da literatura de autoria *feminina* no Brasil, um momento de ruptura com a reduplicação dos valores patriarcais [...] Pode-se dizer que ela inaugura outra forma de narrar dentro de um espaço tradicionalmente fechado à mulher. Trata-se do marco inicial da fase *feminista*. [...] (Zolin, 2009, p. 257, grifos da autora).

Nesta perspectiva, os contos acima citados tem como eixo o casamento e se voltam, inclusive, às experiências das personagens femininas nesta convenção social, seus sentimentos e um processo de tomada de consciência. Com efeito, o momento epifânico é um dos aspectos recorrentes na escrita de Lispector posto que as personagens, envoltas nesse silenciamento social, emocional e cultural, precisam deste despertar da sua percepção de mundo para que possam romper as barreiras que lhes são impostas e que, por vezes, lhes passam despercebidas por terem a noção de que são naturais à sua própria condição feminina.

Conforme analisa Moser (2017) *Laços de Família* trouxe grande reputação à Lispector. De acordo com o autor, o editor do livro foi Francisco Alves, em São Paulo. Quando a escritora apareceu naquela cidade, os repórteres ansiavam por conhecê-la sendo a mesma citada pelo Diário de São Paulo. Ainda, de acordo com o biógrafo: “[...] *Laços de família* se tornou o primeiro dos livros de Clarice a merecer uma segunda edição, depois que os 2 mil exemplares da primeira se esgotaram.” (Moser, 2017, p. 300).

Desta forma, o conto “Amor” tem como protagonista a personagem Ana que é mãe, esposa, dona de casa e dedica seu tempo a cuidar de sua família e das demandas do lar. Com isso, trata-se de uma representação típica da mulher do patriarcado, a qual tem como missão de vida construir uma família, zelar pela prole, submeter-se ao marido e ter como o ambiente doméstico o seu mundo particular, o único no qual pode transitar com “liberdade”. Trata-se, pois, de um ambiente limitante, embora apresente algum conforto, por ser o local onde a mulher executa suas tarefas e estabelece suas relações familiares.

Moser (2017) observa que o conto acima mencionado foi publicado inicialmente em 1952, num volume magro, na verdade não mais que um livreto de 52 páginas, intitulado *Alguns contos*. A obra resultou da amizade de Fernando Sabino com José Simeão Leal, diretor do Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Cultura. Sabino entrevistou em favor da autora junto a Simeão Leal, que publicava uma coleção chamada *Cadernos de Cultura*, livros curtos de poesia, contos e ensaios de autores nacionais e estrangeiros. O objetivo era que fossem baratos e de ampla divulgação, porém só primeiro desses objetivos foi atingido, pelo menos no caso de Clarice, o livro não alcançou repercussão nenhuma. Todavia, conforme mencionado acima, quando a autora publica a obra *Laços de Família*

1960, o conjunto de contos tem um alcance muito mais significativo, dando a escritora maior prestígio e visibilidade.

No referido conto, apresentam-se mais dois personagens: o filho e o marido de Ana. Todavia, estes não são demasiadamente enfatizados pela escritora, que cede à mulher a profundidade, expondo seu perfil psicológico e dando a ela um destaque na narrativa. Vale lembrar que tal ênfase é intencional, pois Lispector, conhecedora dos dilemas atrelados à figura feminina no seu tempo, quisera promover uma literatura que rompesse esse silêncio, ora com caráter de denúncia, ora com a profundidade e acidez das dores e situações adversas que marcaram a mulher ao longo do tempo.

Ainda no conto “Amor” tem-se a figura de um cego, o qual em uma situação trivial do dia a dia acaba por causar o momento epifânico de Ana. Essa situação da qual a escritora se apropria, um homem cego mascando chiclete, capaz de despertar a consciência de Ana para o mundo que a cerca, fazendo-a enxergar para além da “bolha” na qual vivia, no seu universo particular, diz muito sobre a escrita clariceana, posto que a escritora parte, justamente, de situações aparentemente comuns para causar um desconforto na personagem, fazendo-a revelar-se, enxergar-se, atravessar barreiras de consciência que, quase sempre, a aprisionavam muito mais do que o próprio sistema no qual estavam inseridas. Assim, o momento epifânico que faz com que Ana se perceba desconcertada diante de sua própria vida, nada mais é do que um instante de descoberta de si mesma, do mundo, uma ponte para o autoconhecimento e para o amadurecimento da personagem que se percebe um ser humano para além do cenário em que vive.

O conto “Laços de Família” também tem como palco o cenário doméstico e a mulher em torno da qual a narrativa se desenrola é Catarina. Além de Catarina, outra mulher também é apresentada na narrativa, a mãe da personagem principal. Como elas, também são citados dois personagens masculinos, o filho e o esposo de Catarina. Vê-se que, assim como no conto “Amor”, Lispector constrói a narrativa em torno da chamada família nuclear: pai, mãe e filho. No entanto, diferentemente do primeiro conto, nesta é apresentada outra figura feminina, a mãe da mãe, a avó e a sogra.

Através, pois, da inserção desta personagem, outro viés em torno da instituição família é apresentado e, inclusive, com requintada ironia a começar pelo

próprio nome do conto: Laços de Família. Isto porque, ao evidenciar uma relação de distanciamento entre Catarina e sua mãe, o termo “Laços de Família” sugere uma ironia, posto que o envolvimento emocional entre mãe e filha, bem como entre sogra e genro, por exemplo, revelam mais um distanciamento, frieza emocional, laços muito mais pautados em aparências do que em sentimentos profundos de admiração e afeto genuínos.

Também neste texto, a percepção feminina ganha destaque e, inclusive, partindo da percepção que a filha tem, em dado momento, da sua mãe. Também há um momento de despertar da consciência, quando Catarina se depara com a partida da mãe e, mais do que isso, quando se vê diante de sua velhice, dos anos que se passaram. Como se contemplasse, ao mesmo tempo, passado e presente, a mulher é sobressaltada por sentimentos sobre a figura da velha senhora que recebera por um tempo como visita em seu lar, na companhia de seu filho e do marido. As experiências partilhadas neste período denotam a fragilidade do laço familiar que as une, fazendo-a remeter a sua relação com seu filho. Trata-se, pois, de um conto que reforça a fragilidade das relações familiares, as quais na sociedade costumam ser rotuladas de diferentes formas, quase sempre a partir de valores sólidos e sentimentos nobres como o amor e a união.

Desta forma, em ambos os contos o cenário do lar dá ênfase ao universo psicológico e conflitos que permeiam a família, instituição que é, ainda na atualidade, o cerne da sociedade. Todavia, os contos têm o diferencial de apontarem as visões que as mulheres protagonistas têm desse *lócus*, bem como de si mesmas, a partir de um momento epifânico. As personagens masculinas, neste contexto, não assumem destaque, a não ser para o paralelo que Lispector faz com o olhar feminino das personagens bem como para enfatizarem a conduta masculina no sistema patriarcal.

### 3.2 A rotina silenciosa de Ana

Ana é a personagem que representa, em um primeiro olhar, a típica imagem materna. Não ingenuamente, em primeiro momento, Lispector a apresenta como uma mulher totalmente entregue à rotina do lar, ao cuidado dos filhos e à manutenção do casamento. Todavia, chama a atenção que a narrativa começa descrevendo a mulher da seguinte maneira:

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação (Lispector, 2020, p. 17).

Esse cansaço físico também diz muito se considerarmos a rotina quase sempre exaustiva que a mulher tem no dia a dia para manter em ordem e harmonia o seu lar, especialmente quando se tem filhos. Isso se deve ao fato de que, culturalmente, a mulher é responsável pela lida com as atividades domésticas enquanto que o homem tem a função de prover o sustento familiar. Mais do que isso, atribui-se à mulher a função de gerar, sendo comum que se tenha a noção de que toda mulher nasceu para a maternidade. Acerca de tal pressuposto, pode-se observar que:

É entre os mamíferos que a vida assume as formas mais complexas e individualiza-se mais concretamente. Então a cisão dos dois momentos vitais, manter e criar, realiza-se de maneira definitiva na separação dos sexos. É nessa divisão — considerando unicamente os vertebrados — que a mãe estabelece com sua progênie as relações mais estreitas e que o pai mais se desinteressa dela. Todo o organismo da fêmea adapta-se à servidão da maternidade e por esta é comandado, ao passo que a iniciativa sexual é apanágio do macho. (Beauvoir, 1970, p. 41).

Percebe-se que a distinção de gênero acontece inclusive a partir de um viés biológico, e se estende também ao espaço social e cultural, espaços estes nos quais homem e mulher possuem atribuições diferentes e bem delimitadas. Assim sendo, tal como nas demais espécies animais, a mulher têm uma relação mais próxima com os filhos e está fortemente atrelada ao materno e essa ligação não se deve apenas ao fato de o filho ser gerado no corpo feminino, mas na noção que foi se desenvolvendo ao longo do tempo de que: “[...] a maternidade torna-se uma função sagrada” (Beauvoir, 1970, p. 87).

Em sequência, a autora descreve os filhos de Ana, o espaço físico de sua casa. Essa descrição é importante, pois é no lar que a personagem se enxerga no mundo, até então, e é nele que sua vida se desenrola. Além disso, ao descrever a prole e a casa, Lispector estabelece o diálogo com dois dos mais importantes eixos ao qual a mulher foi ligada durante a vida, especialmente nas sociedades patriarcais: os filhos e o ambiente doméstico e neste espaço que lhe fora cedido, Ana: “[...] plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam

árvores” (Lispector, 2020, p. 17). Pode-se ver uma analogia entre os filhos e as sementes. Ana plantou o que tinha nas mãos, ou seja, cuidou dos frutos que o casamento lhe dera e esses frutos seguiram crescendo em harmonia com o que ela julgava, até então, ser o projeto de vida para o qual estava destinada.

Michelle Perrot (2007) comenta que a maternidade representa um momento e um estado. Muito além do nascimento, posto que dura toda a vida da mulher. O mesmo ocorre, embora em menor grau, com os filhos, que dela recebem a vida, o alimento, uma primeira socialização. Decorre daí o drama do abandono. Perrot (2007) analisa que a sociedade ocidental promove a assunção da maternidade. Ela é envolta de amor, “o amor a mais”, segundo expressão de Elisabeth Badinter, que explica o crescimento do sentimento materno a partir do século XVII e o da figura da mãe, tanto nas práticas (de saúde, puericultura, educação na infância) quanto na simbólica. Trazendo, pois, essa relação para a personagem Ana, vê-se já essa ligação a partir do título da narrativa “Amor” bem como da inclinação natural que a mulher tem ao cuidado com os filhos que, como suas sementes, ela gerou e tem cuidado desde que os trouxe ao mundo.

A maternidade para Ana também é mais do que um momento, mas um estado, um rótulo praticamente indissociável da própria natureza feminina e, em razão disso, determinante para que a personagem se identifique até mais como mãe do que como mulher, em sua própria subjetividade. No desenrolar da vida comum, Ana se via cercada de tarefas que lhe ocupavam a mente e o corpo físico. Todavia, quando não lhe restava qualquer ocupação, a personagem se via diante de um silêncio ensurdecedor e, assim, “Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se” (Lispector, 2020, p. 18). A mulher, diante da missão de ser mãe, esposa e doméstica, se via vazia quando nada mais precisava de seu olhar e de seu auxílio. O mundo ao redor parecia sem sentido, também pelo fato de que em toda a vida se ocupara deste pequeno universo que lhe fora apresentado e do qual sentia pertencimento: o lar, o casamento, o cuidado dos filhos. Fora incutido na sua mente que ela nasceu para essa vida, tendo em vista que:

[...] Seja ambicioso, parvo ou tímido, é para um futuro aberto que o menino se atira; será marinheiro ou engenheiro, ficará no campo ou irá para a cidade, verá o mundo, tornar-se-á rico; sente-se livre em face de um futuro em que possibilidades imprevistas o aguardam. A menina será esposa, mãe, avó; tratará da casa, exatamente como

fêz sua mãe, cuidará dos filhos como foi cuidada: tem 12 anos e sua história já está escrita no céu. [...] (Beauvoir, 1967, p. 40).

A masculinidade oportuniza um mundo de possibilidades, diversos e distintos cenários e destinos nos quais o homem poderá viver e escrever sua história. No entanto, o universo feminino é reduzido ao exercício da maternidade e a vida conjugal, sendo vedado à mulher conhecer e pertencer aos mesmos ambientes que os homens são apresentados desde a infância. Além disso, conforme descrito do fragmento acima, essa subserviência feminina é perpassada pelas gerações e desde menina, a mulher é ensinada que nasceu para o lar.

É importante frisar que no caso do Brasil, especialmente, o sistema patriarcal reforçou essa condição feminina. Souza (2005) avalia que a mulher, criada no berço patriarcal, sempre demonstrou conformismo com a situação imposta pelo pai ou pelo marido e desta forma viveu muitos anos submissa. No entanto, com as mudanças sociais, industriais e econômicas, a mulher foi se rebelando contra o estado em que se encontrava. Decorre deste inconformismo, a luta pela igualdade de gêneros e emancipação feminina. Todavia, essa luta foi marcada por dilemas e sofrimentos, posto que muitas dessas mulheres que deram início a busca por autonomia foram presas, exiladas, proibidas de assumirem cargos e, na Idade Média, chegaram a ser perseguidas e queimadas em fogueiras como “bruxas”.

O que se vê, no entanto, em Ana, é justamente o conformismo diante do seu aparente “destino”. Seus olhos pareciam não enxergar para além dos muros desse berço patriarcal onde ela fora polida e instruída para exercer o papel que aos seus olhos exercia com maestria e em completa harmonia. A rotina não lhe parecia incômoda e encontrava sentido na vida ao viver cada dia exatamente igual, desde que exercendo o papel que lhe era de sua competência: a dona de casa, mãe e esposa amorosa e assim:

[...] Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam os filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, *tranquilamente*, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida (Lispector, 2020, p. 18, grifos nossos).

Lispector descreve a personagem como um ser pacífico e tranquilo diante do mundo que cresce à sua volta. Curiosamente, tudo ao redor sugere crescimento,

exceto ela que se mantém exata, pequena e certa, à disposição de tudo que exige-lhe a presença. Ana não reclamava nada para si, segue sua vida atendendo às necessidades daqueles que ama, servindo-lhes com gentileza e silêncio. Moldara-se, pois, perfeitamente aos ideais patriarcais, acomodara-se ao mundo que as paredes do lar lhe apresentara, omitindo-se da vida lá fora que, até então, aparentemente não lhe despertava curiosidade.

Os atributos dados aos filhos e marido de Ana merecem destaque, posto que Lispector enfatiza que a protagonista os enxerga como “verdadeiros”. Além disso, o conto esclarece que Ana escolheu a vida adulta, de mãe e esposa. Também por isso, na “hora perigosa da tarde” quando a casa estava vazia e cada familiar dedicava-se às suas ocupações, Ana sentia o desconforto, a inércia, a incompletude. O cuidado com esse ambiente do qual fazia parte e se orgulhara até então era para ela a sua maior necessidade e com isso: “[...] Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na.” (Lispector, 2020, p. 19).

O comportamento de Ana é reforçado por Beauvoir (1969) quando esta observa que a mulher está, naturalmente, voltada à perpetuação da espécie e à manutenção do lar, isto é, à imanência. Neste contexto, o casamento concede a síntese feliz. Ao homem, permite-se conhecer o progresso, a mudança, experimentar a dispersão por meio do tempo e do universo e, quando cansado desse “vagabundear”, funda um lar, fixa-se, ancora no mundo. À noite, retorna a este lar onde a mulher cuida dos móveis e dos filhos, do passado que ela armazena.

Considerando as concepções de Beauvoir (1969), através de Ana, Lispector escancara essa dinâmica do casamento, a qual é marcada por essa contradição e disparidade entre o tratamento dado ao homem e à mulher na sociedade. Ana, enquanto esposa e mãe, assume também um papel de serva deste lar, mantendo-o habitável e agradável para o marido que irá chegar do trabalho: “[...] Olhando os móveis limpos, seu coração apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto [...]” (Lispector, 2020, p. 18-19).

Conforme enfatiza Beauvoir (1967), tal qual a personagem Ana, a mulher perpetua a espécie imutável, assegura o ritmo igual dos dias e a permanência do lar



cujas portas conserva fechadas; a ela não dão nenhuma possibilidade de influir no futuro, nem no universo. Por conseguinte, a mulher só ultrapassa para a coletividade por intermédio do marido. Percebe-se que Lispector utiliza-se da analogia com a semente e as raízes para descrever a vida de Ana. As raízes, neste contexto, podem estar associadas à segurança que o lar representa para a personagem, bem como à solidez que ela atribui à instituição familiar que construiu, posto que a raiz é a base sólida da árvore que alimenta e sustenta toda a sua estrutura. Além disso, é comum associar a família como a base da sociedade, a primeira e mais importante instituição através da qual os sujeitos formarão as suas identidades, princípios e valores humanos.

Assim, quando diz que: “No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. [...]” (Lispector, 2020, p. 18), a autora sinaliza para o pensamento que muitas mulheres e, inclusive, a sociedade têm sobre a figura feminina que é de que somente um lar, através da constituição de uma família, pode dar segurança, firmeza à vida de uma mulher, a qual, por essência, já está destinada a esse arranjo social. Mediante a isso, Ana: “Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado” (Lispector, 2020, p. 18). O trecho reforça o primeiro excerto ao mostrar que Ana se sente confortável na vida que construíra, tendo esse sentimento de pertencimento a esta dinâmica de vida, ao qual ela enxerga como o próprio “destino de mulher”. Acerca desta questão, pode-se observar, de acordo com Perrot (2007), que:

Em primeiro lugar, porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranqüila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a stasis, a desordem. Sua fala em público é indecente. "Que a mulher conserve o silêncio", diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão." Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno (Perrot, 2007, p. 16-17).

O silêncio da mulher possui até mesmo caráter religioso, tendo em vista que para o cristianismo, por exemplo, ela deve manter-se em posição inferior ao homem como sinal de respeito à sua autoridade dentro do casamento. Além disso, o

arquétipo de Eva, a quem é atribuído o declínio da humanidade pela prática do pecado original, acarretou em um descrédito a todas as mulheres, reduzindo-as a indivíduos transgressores por própria natureza feminina.

No entanto, ao entrar no bonde que a conduziria para sua casa no final de mais um dia aparentemente comum, ocorre o chamado momento epifânico da personagem ao perceber um cego mascando chiclete no ponto. Nesta descrição pode-se perceber, de início, uma ironia, tendo em vista que o personagem que a faz ter esse despertar de consciência é um cego. A cegueira física estabelece um contraponto com a cegueira emocional na qual a personagem vivera e que, agora, diante desse despertar, desaparecia: “Por quê? Teria esquecido que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente [...]” (Lispector, 2020, p. 20).

Tomada por um estranho e forte desconforto psíquico e emocional que até mesmo lhe causa incômodos físicos conforme se vê no fragmento acima, Ana é sobressaltada por uma percepção sensível e atenta do mundo que a cerca. Tal desconforto decorre do choque de realidade, pois como comenta Beauvoir (1967) o fato de ser mulher a fez suportar, mais ou menos passivamente, seu destino. Ao ter uma tomada de consciência que a faz enxergar fora da convenção familiar, parece-lhe que lhe roubaram suas possibilidades, que a enganaram, que escorregou da juventude para a maturidade sem ter percebido isso.

Essa atenção e sensibilidade são aguçadas a partir do momento que se depara com o cego e são ainda mais aprofundadas quando, ao descer depois do ponto que precisaria descer, Ana se deparou com a grandeza e beleza do Jardim Botânico. Segue-se, daí, uma descrição do Jardim a partir desse olhar assustado e surpreso da mulher que, tomada por súbita expansão da visão – de mundo – denota um misto de prazer, surpresa e estranheza do que vê e, sobretudo, do que sente. Ao se deparar com um simples homem mascando chiclete, a personagem parece ser retirada de súbito do mundo aparentemente perfeito e harmônico que criara para si mesma e reconhecer novas cores, rostos, texturas, vidas para além desse simulacro, onde estivera inserida até então:

O que chamava de crise viera final. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. O calor se tornara mais abafado, *tudo tinha ganhado uma força e vozes mais altas*. [...] Junto dela havia uma senhora de azul, com um rosto. Desviou o olhar, depressa. Na calçada, uma mulher deu um empurrão no filho! Dois namorados entrelaçavam os dedos

sorrindo... E o cego? Ana caíra numa bondade extremamente dolorosa (Lispector, 2020, p. 21, grifos nossos).

Percebemos que a rotina silenciosa de Ana perdia espaço para a percepção da sonoridade intensa do mundo lá fora. Tal fato se comprova quando a autora aponta para esse ganho de força e aumento do timbre das vozes ao redor da protagonista. Sua vida lhe acarretou em um silenciamento da fúria de aventurar-se para além da rotina de mãe, de esposa, de cuidadora do lar. O momento de despertar, no entanto, acendeu a chama da vida, do olhar explorador do mundo, causando estranhamento e prazer. A novidade do viver, antes por ela ignorada, apresentava-se diante de seus olhos como se ela não mais fosse uma mulher já acostumada à vida que construía, mas agora uma menina diante de inúmeras possibilidades e, assim, o mundo parecia mais amplo, vasto, doce e perigoso:

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da *piedade* aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca (Lispector, 2020, p. 21, grifos nossos).

Segundo afirma Beauvoir (1970), o que define de modo singular a situação da mulher é que, sendo como todo ser humano, uma liberdade autônoma, ela descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Objetiva-se, pois, torná-la objeto, voltá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. Ao ver o cego mascando chiclete e, de súbito, perceber o mundo como um lugar mais amplo, a mulher é arrancada deste estado de inércia e dessa condição de Outro. Passa, então, a fazer parte desse todo, das pessoas ao seu redor, da vastidão de elementos que formam o Jardim Botânico. A vida pacata em sua casa parecia, em primeiro momento, a única possível, e ao transcender para além dessa vida, Ana se vê estranhamente livre.

A *piedade* é um sentimento que aproxima os seres humanos, posto que demanda abrir mão das individualidades para enxergar o outro em suas necessidades e inteireza. Quando destaca o surgimento desse sentimento em Ana após o momento epifânico, Lispector torna a personagem ainda mais humana ao

mesmo tempo em que sugere que a vida enclausurada no seio familiar acaba por distanciá-la das outras pessoas, inclusive dela mesma. Ao formar uma família e dedicar-se inteiramente à missão de cuidar desse pequeno grupo, Ana se encontrará como mãe e esposa, mas distante de sua essência como ser humano diante de outros seres humanos.

A personagem passou a viver, pois, em torno das necessidades daqueles que aprendeu a amar e, com isso, satisfazia-se. Todavia, ao deparar-se com o cego mascando chiclete, um ser humano comum, realizando uma ação trivial, a mulher pareceu recordar-se de que o mundo é mais do que seu círculo familiar, do que a serena e constante natureza de seus dias. Como tantas outras mulheres, Ana viu suas convicções serem afetadas pela percepção ampliada de que a vida é fluída, pulsante, como no Jardim Botânico, desconcertante, irônica, cruel, suja, doce, estranha, boa e horrível. Logo, a mulher que saíra às compras, tinha como mundo o pequeno espaço do lar, já a mulher que regressara, sentia-se pequena e desconcertada diante da súbita revelação de que o mundo era muito mais amplo do que seus olhos podiam, até aquele momento, vislumbrar:

[...] É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com *a pior vontade de viver*. [...] *Um cego me levou ao pior de mim mesma*, pensou espantada. Sentia-se banida porque nenhum pobre beberia água nas suas mãos ardentes (Lispector, 2020, p. 25, grifos nossos).

Ana se culpa pelo sentimento de inquietação que o despertar lhe provoca. Antes tão familiarizada, entregue e satisfeita com a vida que tinha, agora sentia desejo de experimentar a vida que lhe saltara aos olhos, antes desconhecida, ignorada. A essência feminina em Ana reivindicava o espaço para ser mais do que até então e isso causava na Ana mãe e esposa, um estranho desconforto. O mundo no entorno de sua casa lhe parecia, ao voltar para casa, inquietante, sufocante. Olhava as pessoas, especialmente os filhos, de forma diferente, pois seu olhar era outro. Ao dar visibilidade a uma personagem que se percebe outrora presa à amarras invisíveis, a autora evidencia o processo de emancipação pelo qual muitas mulheres passaram. Acerca de tal aspecto, Souza (2005) sublinha que a mulher evoluiu e que essa evolução é representada na literatura: “[...] De submissa e deusa, a mulher passa a ser vista como um ser capaz de sofrer, mas também de liderar seja

a sua casa ou uma empresa; capaz, enfim, de dar a volta por cima.” (Souza, 2005, p. 09).

A personagem não era mais apenas a mãe ao enxergar o filho, mas a mulher que se comoveu com a imagem de um desconhecido cego mascando chicletes como se este desconhecido fosse uma porta aberta para que a protagonista rompesse o silêncio ensurdecedor de sua própria alma, condicionada à rotina imutável e aparentemente tranquila dos dias. O Jardim Botânico, como um simulacro da vida em sua plenitude, se mostra acolhedor e ao mesmo tempo sombrio, afago e aspereza, estranho e belo, como a vida que pulsa para além das paredes que cercam a vida de Ana.

### 3.3 O exílio doméstico de Catarina

O conto “Laços de Família” gira em torno da relação entre mãe e filha. Tem seu início descrevendo Catarina, a protagonista, em direção à Estação de trem para levar a mãe que se dirige de volta para casa após um período no lar da filha, em sua companhia, do genro e do neto. A senhora que, em todo o tempo, questiona-se se não se esquecera de nada na casa da filha é a todo tempo acalmada pela filha que a acompanha com paciência às constantes interrogações. O conto, embora carregue um título sugestivo de união e bons sentimentos, aborda com ironia a fragilidade das relações familiares. Já no início, essa ironia é enfatizada, quando mencionado que:

Ainda estava sob a impressão da cena meio cômica entre sua mãe e seu marido, na hora da despedida. Durante as duas semanas da visita da velha, os dois mal se haviam suportado; os bons-dias e as boas-tardes soavam a cada momento com uma delicadeza cautelosa que a fazia querer rir. Mas eis que na hora da despedida, antes de entrarem no táxi, a mãe se transformara em sogra exemplar e o marido se tornara o bom genro (Lispector, 2020, p. 89).

A autora se utiliza da ironia para enfatizar os entraves na relação entre a sogra e o genro, detalhe que não passa despercebido por Catarina, sendo por ela ironizado no olhar atento que lhes lança. A família, como um dos eixos da escrita clariceana, quase sempre é vista na sociedade como um ambiente onde prevalecem as relações sólidas e verdadeiras. Nesta célula da sociedade, o homem tem total destaque e domínio entre as relações estabelecidas. Beauvoir (1967) analisa que por ser o “chefe da família”, o marido detém de uma superioridade moral e social e,

quase sempre, possui também, pelo menos de forma aparente, uma superioridade intelectual.

Assim sendo, ele tem sobre a mulher a vantagem cultural ou pelo menos da formação profissional, como no conto em análise, no qual Antônio é descrito como um engenheiro e à Catarina não é atribuída uma profissão. O homem, nessa dinâmica, interessa-se desde a adolescência pelos negócios do mundo, que se tornam seus. Por vezes, conhece um pouco de direito, está a par da política, pertence a um partido, a um sindicato e associações. Logo, ele é a figura que trabalha e exerce a sua cidadania e seu pensamento está empenhado na ação. Considerando a cena que narra a despedida da sogra e o genro, o texto aponta para a naturalidade dos distanciamentos e conflitos próprios da condição humana, a qual é limitada e propensa a falhar. Todavia, ao se despedirem, sogra e genro tentam mascarar essa realidade:

“Quem casa um filho perde um filho, quem casa uma filha, ganha mais um”, acrescentara a mãe, e Antônio aproveitara sua gripe para tossir. Catarina, de pé, observava com malícia o marido, cuja segurança se desvanecera para dar lugar a um homem moreno e miúdo, forçado a ser filho daquela mulherzinha grisalha... (Lispector, 2020, p. 90).

A partir da descrição da cena no fragmento acima se vê que é nítido o desconforto entre os entes e que Catarina se esforça para não rir diante da situação, ao mesmo tempo em que o marido se esforça para aparentar naturalidade. Os adjetivos a ele atribuídos nesta passagem “moreno e miúdo” denotam a sua estranheza e desconcerto diante das palavras da sogra que é descrita como uma “mulherzinha grisalha” cujas palavras por ela proferidas soam com tom desonesto, dada a fragilidade da sua relação com o genro.

Segundo Beauvoir (1967) fora incutido na sociedade, ao longo da trajetória humana, que é pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico, haja vista que a maternidade é uma vocação “natural” da mulher, porquanto todo o seu organismo se encontra voltado para a perpetuação da espécie. Trazendo, pois, este aspecto para a análise da personagem Catarina, vê-se que essa satisfação em ser mãe não é uma tônica da narrativa haja vista que, inclusive, Severina, a mãe da protagonista, é retratada a todo momento como uma certa frieza e distanciamento ante a filha, aspectos que sinalizam uma relação difícil e desarmoniosa entre as duas.

No trajeto até a Estação, a mãe de Catarina se mostra preocupada com o neto que aos seus olhos estaria muito magro. Observamos que no discurso da matriarca são acentuados os termos “tom de desafio” e de “acusação”. No entanto, Catarina assegura-lhe que o menino sempre foi magro, ressaltando não haver necessidade de preocupação. Não satisfeita, a senhora ainda acrescentou que o garoto era “magro e nervoso” ao que a filha também concordou com naturalidade e paciência. Com efeito, a personagem citada é descrita como: “[...] um menino nervoso, distraído. Durante a visita da avó tornara-se ainda mais distante, dormira mal, perturbado pelos carinhos excessivos e pelos beliscões de amor da velha.” (Lispector, 2020, p. 90). O trecho revela o distanciamento entre o menino e a avó. O distanciamento, pelo que sugere a descrição da personalidade do neto, denota que o garoto também é distante dos pais, fato que merece um olhar mais demorado, pois o relacionamento entre Catarina e a mãe é o eixo através do qual a fragilidade desses *Laços de Família* se estende.

A relação frágil entre Catarina e a mãe não só é determinante para a vulnerabilidade e frieza afetiva entre as duas mulheres, mas também parece afetar a relação entre Catarina e o filho, num ciclo que se repete. Em um dado momento, ocorre uma súbita aproximação física entre ambas, gerando o momento epifânico de Catarina:

Não esqueci de nada..., recomeçou a mãe, quando uma freada súbita do carro lançou-as uma contra a outra e fez despencarem as malas. – Ah! Ah! – exclamou a mãe como a um desastre irremediável, ah! Dizia balançando a cabeça em surpresa, de repente envelhecida e pobre. E Catarina? Catarina olhava a mãe, e a mãe olhava a filha, e também a Catarina acontecera um desastre? [...] Porque de fato sucedera alguma coisa, seria inútil esconder: Catarina fora lançada contra Severina, numa *intimidade* de corpo há muito esquecida, vinda do tempo em que se tem pai e mãe. Apesar de que nunca se haviam realmente abraçado ou beijado (Lispector, 2020, p. 91, grifos nossos).

A intimidade de corpo não só denota uma proximidade entre as pessoas dentro de uma relação, mas também o nível de afetividade entre elas. Numa relação entre mãe e filha, essa proximidade quase sempre é ainda mais evidente, posto que a mulher gesta e esse contato, desde útero, é muito singular e íntimo. A maternidade é também uma condição biológica na qual: “[...] Habitada por um outro que se nutre de sua substância, a fêmea é, durante todo o tempo da gestação,

concomitantemente ela mesma e outra [...]” (Beauvoir, 1970, p. 43). Vista sob essa ótica, a união que a mulher tem com o ser que gesta é algo para além do corpo físico, numa intimidade e proximidade tão acentuadas que a mulher até pode já não conseguir separar o que é da sua subjetividade e o que integra o outro ser que nela se desenvolve.

Catarina e a mãe mais se assemelham, neste contexto, a duas estranhas e essa ausência de contato não apenas se limita ao corpo físico, mas ao contexto emocional em torno das duas. Há uma lacuna de sentimentos que não fora preenchida e que enfraqueceu, em certa medida, a relação mãe e filha. Dentro deste contexto, Catarina reflete que:

Do pai sim. Catarina sempre fora mais amiga. Quando a mãe enchia-lhes os pratos obrigando-os a comer demais, os dois se olhavam piscando em cumplicidade e a mãe nem notava. Mas depois do choque no táxi e depois de se ajeitarem, não tinham o que falar – por que não chegavam logo à Estação? (Lispector, 2020, p. 91).

Diferentemente dessa estreita relação entre mãe e filha que geralmente se percebe na maternidade, Catarina tinha mais proximidade com a figura paterna. Com o pai, havia o conforto da cumplicidade, de se entender apenas com um olhar. A mãe, por sua vez, lhe saltava à memória como mais rígida e difícil de conviver, até mesmo em atitudes como forçar os filhos a comerem mais do que queriam. Ao apontar essa dissemelhança entre a relação de Catarina e seus pais, Lispector desconstrói a imagem “perfeita” que quase sempre é atribuída à mãe, sendo esta uma figura de expressiva relevância na dinâmica de uma família, especialmente na família nuclear heteronormativa: pai, mãe e filhos. Nesta perspectiva, é importante considerar que a generosidade materna:

[...] merece os louvores que os homens incansavelmente lhe outorgam; mas a mistificação começa quando a religião da maternidade proclama que toda mãe é exemplar. Porque o devotamento materno pode ser vivido numa perfeita autenticidade; mas o caso é raro, na realidade. De costume, maternidade é um estranho compromisso de narcisismo, de altruísmo, de sonho, de sinceridade, de má-fé, dedicação e cinismo (Beauvoir, 1967, p. 280).

Em outras palavras, Beauvoir (1967) declara que a maternidade, em sua essência, não é um vínculo perfeito, justamente pelo fato de que as relações interpessoais, mesmo aquelas estabelecidas entre os entes familiares mais próximos, a exemplo dos pais, também são marcadas por conflitos e que,



naturalmente, esses conflitos sempre existirão em alguma medida. Logo, essa imagem imaculada atribuída à figura materna, muito se distancia da imagem humana que existe na realidade, o que não significa que a maternidade não tenha sua importância na estrutura familiar.

Em todo o percurso, a senhora repetia insistentemente a pergunta se não estava esquecendo-se de nada. Com efeito, ao chegarem, finalmente, à Estação, essa frase soa ainda mais ambígua no contexto da narrativa, posto que tomadas por desconforto e memórias, Catarina e a mãe se olham de forma diferente, confusa e parecem, as duas, questionar-se se não se esqueceram de algo para além do material que carregava a bagagem, mas que se perdera no tempo entre elas duas:

Só se espriaram realmente quando as malas foram dispostas no trem, depois de trocados os beijos: a cabeça da mãe apareceu na janela. Catarina viu então que sua mãe estava envelhecida e tinha os olhos brilhantes. O trem não partia e ambas esperavam sem ter o que dizer. [...] Não, não se podia dizer que amava sua mãe. Sua mãe lhe doía, era isso (Lispector, 2020, p. 91-92).

A dura percepção de Catarina parece confrontar com a figura da menina que fora e que ao longo de sua formação não desenvolveu sentimento de amor por sua mãe, contrariando todas as projeções naturais entre o vínculo de mãe e filha. O tempo, no contexto da narrativa, apenas reforça essa lacuna entre elas e ao evidenciar esse vazio. No ambiente da Estação de trem, uma mãe conduzia a contragosto uma criança chorando, como num irônico diálogo entre passado e futuro. Catarina, não mais criança, fitava a mãe, agora envelhecida, mas com semblante austero de sempre. Se haviam se perdido em meio aos anos, agora não resta tempo para se darem aos afetos, pois o trem – como a vida – tinha que seguir viagem:

Quando puderam ver-se de novo, Catarina estava sob a iminência de lhe perguntar se não esquecera de nada... também a Catarina parecia que haviam esquecido de alguma coisa, e ambas se olhavam atônitas – porque se realmente haviam esquecido, agora era tarde demais. [...] No meio da fumaça Catarina começou a caminhar de volta, as sobancelhas franzidas, e nos olhos a malícia dos estrábicos. Sem a companhia da mãe, recuperara o modo firme de caminhar: sozinha era mais fácil (Lispector, 2020, p. 92-93).

Ao se despedirem, mãe e filha são tomadas pelo sentimento de dúvida, de inquietação sobre o contato que estabelecem entre si. Mais do que isso, Catarina ao

se questionar intimamente sobre se, de fato, se esquecera de alguma coisa, sugere remeter ao passado com a genitora, ao que se perdeu na relação entre elas. Quando a mãe segue viagem, a jovem mulher se vê sozinha novamente e, ironicamente, se sente mais forte e confiante do que na companhia da mãe: “Alguns homens a olhavam, ela era doce, um pouco pesada de corpo. Caminhava serena [...]” (Lispector, 2020, p. 93). A tensão que cercava Catarina quando em contato com a mãe, cede lugar para a serenidade e a tranquilidade de quem agora, sem o peso da intimidade forçada, caminhava com leveza assumindo sua verdadeira face.

Ao despedir-se da mãe e voltar ao seu apartamento, Catarina apresenta um ar pensativo, uma postura diferente de quando saiu para deixar a mãe na estação de trem. Neste regresso ao lar, a mulher se depara com o marido sentado em meio à leitura habitual dos sábados e ao adentrar ao quarto do filho encontra-o, distante, magro e nervoso como descrito em toda a narrativa. No entanto, o despertar de consciência que tomou Catarina a impele a sair do apartamento para um passeio levando consigo a criança. Sozinha com o filho, aparentemente sem rumo e sem o marido, a mulher deixa o esposo interrogativo a olhá-la pela janela:

[...] Levantou-se, foi à janela e um segundo depois enxergou sua mulher e seu filho na calçada. Os dois haviam parado, a mulher talvez decidindo o caminho a tomar. E de súbito pondo-se em marcha. Por que andava ela tão forte, segurando a mão da criança? pela janela via sua mulher prendendo com força a mão da criança e examinando-a depressa, com os olhos fixos adiante; e, mesmo sem ver, o homem adivinhava sua boca endurecida. A criança, não se sabia porque obscura compreensão, também olhava fixo para a frente, surpreendida e ingênua. [...] (Lispector, 2020, p. 95).

Curiosamente, Catarina é mãe de um menino. Esse aspecto dialoga com o fato explicado por Beauvoir (1967) de que a própria mulher reveste os homens de certo prestígio, e também dos privilégios que estes detêm concretamente, fazendo com que as mulheres prefiram filhos em detrimento às filhas. O filho será um chefe, um condutor de homens, um soldado, um criador; imporá a sua vontade sobre a terra e a mãe terá parte em sua imortalidade. As casas que ela não construiu, os países que não explorou, os livros que não leu, ele lhes dará. É, pois, por intermédio do filho que ela terá posse do mundo. Além disso, Catarina percebe-se mais próxima do pai do que de Severina, o que pode justificar a sua proximidade com o filho sinalizando o pensamento freudiano de que: “[...] a relação da mãe com o filho é a que comporta menos ambivalência” (Beauvoir, 1967, p. 284).

A postura do marido de Catarina indica certa desconfiança e revolta pela vontade súbita que a mulher tem de sair sozinha com o filho. Essa percepção da figura masculina, que vai ser reforçada no texto quando o marido em um fluxo de pensamento posiciona a esposa como submissa às suas vontades. É o espelho das relações sustentadas pelo regime patriarcal nas quais, como descrito por Perrot (2007), o casamento por amor é a única opção honrosa para uma mulher, seu abrigo seguro. A mulher casada é, ao mesmo tempo, dependente e dona-de-casa. Cabe a ela usar os poderes que lhe são outorgados ou relegados. Perrot (2007) reforça, ainda, que nessa conjuntura a mulher depende juridicamente, pois perde seu sobrenome. Está submetida às regras de direito que têm por principal finalidade a proteção familiar, inclusive dos valores atribuídos à família. É o que se vê na relação construída com Antônio que representa o provedor e detentor do poderio familiar, quanto que Catarina é excluída do mundo para além do ambiente doméstico. Ele, como homem, pode seguir uma carreira, da qual se orgulha e utiliza-se como instrumento de dominação - inclusive econômica - da esposa. A ela, coube cuidar da casa, do filho e da manutenção da “ordem” deste sistema.

No entanto, a mulher se mostra inquieta como se desejasse vivenciar algo novo na companhia do filho para além das paredes do seu lar. Neste momento, pois, não apenas a personagem feminina rompe o exílio doméstico, mas parece ir além de si mesma, da rotina e, sobretudo, tentar construir com o filho, a partir de então, um vínculo diferente do que estabeleceu com a mãe, que recém partia no trem. Vê-se, nessa tentativa de Catarina que:

O grande perigo que nossos costumes fazem o filho correr é que a mãe, a quem o confiam de pés e mãos amarrados, é quase sempre uma mulher insatisfeita: sexualmente é fria ou irrealizada; socialmente, sente-se inferior ao homem; não tem domínio sobre o mundo e o futuro; procurará compensar através do filho todas as suas frustrações; quando se compreendeu a que ponto a situação atual da mulher lhe torna difícil sua plena realização, quantos desejos, revoltas, pretensões, reivindicações a habitam surdamente, espanta-nos que filhos sem defesa lhe sejam entregues. (Beauvoir, 1967, p. 280-281).

Sem dúvidas, esse movimento de ancorar-se no menino na tentativa de compensar a frustração pelo tempo perdido com a mãe e pela fragilidade do elo com esta, é visível em Catarina quando a mesma se lança à rua com o garoto ao voltar para casa. No fragmento acima exposto, Beauvoir (1967) enfatiza que é comum que

se confie o filho “de pés e mãos amarrados” à mãe, aspecto que reforça o estereótipo de proteção e segurança que é atribuído à maternidade. Por sua vez, sobre a relação entre Catarina e seu marido, vê-se que na visão deste:

[...] E ele ficara. “Com o seu sábado”. E sua gripe. No apartamento arrumado, onde *“tudo corria bem”*. Quem sabe se sua mulher estava fugindo com o filho da sala de luz bem regulada, dos móveis bem escolhidos, das cortinas e dos quadros? *fora isso o que lhe dera*. Apartamento de um engenheiro. E sabia que se a mulher aproveitava da situação de um marido moço e cheio de futuro – desprezava-a também, com aqueles olhos sonsos, fugindo com seu filho nervoso e magro. *O homem inquietou-se. Porque não poderia continuar a lhe dar senão: mais sucesso.* [...] (Lispector, 2020, p. 96, grifos nossos).

A relação entre Catarina e o esposo é visivelmente desigual, inclusive pela percepção do próprio marido que se coloca como o “senhor” da família por ter dado à mulher comodidade, conforto e um lar dotado de atributos materiais. O sucesso, no entanto, era o que de melhor o marido tinha a proporcionar à Catarina, que por sua vez, era vista de maneira desprezível, por mostrar-se interesseira na percepção de Antônio. A visão do homem reforça a ideia patriarcal de que a figura masculina é a provedora do lar e responsável por dar à mulher o conforto material que necessita. Neste contexto, delinea-se a noção de que:

[...] *“O homem deve ser rei em sua casa.”* A esposa é dependente economicamente, na gestão dos bens (em função do contrato de casamento e na comunidade), na escolha do domicílio e com relação a todas as grandes decisões da vida familiar, inclusive quanto à educação e ao casamento dos filhos (Perrot, 2007, p. 48, grifos nossos).

Essa postura de “rei” de sua casa é ironizada por Lispector ao retratar o marido da protagonista “tomando o seu sábado” confortavelmente, realizando sua leitura devidamente acomodado no conforto de um dia aparentemente comum quando a esposa rompe essa rotina ao sair com o filho sem a sua companhia. Novamente o título do conto carrega fina ironia, posto que os laços familiares, neste sentido, são pautados no interesse e não no sentimento genuíno de amor. O ambiente doméstico da família de Catarina era, na visão do marido “onde tudo corria bem”, todavia, era para a mulher um ambiente de exílio de si mesma.

A narrativa sugere, ainda, que o homem a tratava com desprezo, por vezes a humilhando, aspecto que reforça o contexto comum a muitos relacionamentos

conjugais. O homem, dentro destas relações, precisa ver-se como dominador da casa e, sobretudo, da mulher, para que se sinta superior a esta e para que esta se mantenha em posição de subalternidade. Em razão disso: “Às vezes ele procurava humilhá-la, entrava no quarto enquanto ela mudava de roupa porque sabia que ela detestava ser vista nua. Por que precisava humilhá-la?” (Lispector, 2020, p. 96). Justamente, enquanto a humilhava, o homem reforçava o comando da relação e o seu papel de detentor do poder no âmago familiar. O cenário descrito sugere que:

O ideal do homem médio ocidental é uma mulher que se submeta livremente a seu domínio, que não aceite suas idéias sem discussão, mas que ceda diante de seus argumentos, que lhe resista com inteligência para acabar deixando-se convencer (Beauvoir, 1967, p. 228).

Beauvoir (1967) sublinha que para esse homem a mulher representa uma suprema recompensa porque é sob uma forma exterior que ele pode possuir, em sua carne, sua própria apoteose. Desta forma, ao permitir-se um momento de liberdade saindo sozinha com o filho, Catarina burla a dinâmica do seu exílio causando estranhamento e incômodo no marido que parece enxergar nessa outra face feminina, uma versão mais livre e emancipada de sua esposa, a qual lhe causa certo temor e curiosidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho discutiu-se a representação da mulher nos contos “Amor” e “Laços de Família” presentes no livro *Laços de Família*, de Clarice Lispector. Com isso, foi possível verificar que as personagens Ana, protagonista do conto “Amor”, e Catarina, protagonista do conto “Laços de Família” são retratadas como mulheres submissas ao contexto patriarcal, tendo suas vidas construídas em torno do casamento e da maternidade.

Com efeito, constatou-se que Clarice Lispector traz, nas figuras de Ana e Catarina, elementos que reforçam essa submissão da mulher diante do homem, a exemplo do silenciamento, das desigualdades econômicas e, inclusive, da reclusão ao ambiente da casa, elementos fortemente atrelados à escrita clariceana. Desta forma, as narrativas analisadas nesta pesquisa tecem a figura feminina em meio a esse universo misógino e excludente do sistema patriarcal.

Constatamos que ambas as personagens vivenciam o chamado momento epifânico, amplamente explorado na obra de Lispector, que se trata de um acontecimento capaz de provocar um despertar psíquico na personagem, impelindo-a a uma mudança no curso de sua trajetória de vida. Isto posto, tanto Ana quanto Catarina vivenciam essa tomada de consciência de si mesmas a partir da epifania, a qual as faz refletir sobre seu espaço no mundo e no ambiente familiar em que vivem até então.

Ana, descrita como uma mãe amorosa, esposa zelosa e devotada ao lar, é marcada por expressivo silenciamento e conformismo, que reforça sua condição de clausura dentro do casamento e da maternidade. É instigada a enxergar o mundo para além dessa redoma invisível a partir da percepção de um homem cego mascando chicletes, o qual expande sua percepção da grandeza de possibilidades do mundo para além do âmbito de sua casa.

Catarina, por sua vez, é uma mulher cuja relação com a mãe, Severina, apresenta expressiva fragilidade e frieza de sentimentos. A partir do contato corpo a corpo com a mãe ao despedir-se na estação de trem, a protagonista se sente inquietada a romper o exílio doméstico e aproximar-se, de fato, do filho. Em meio a esse contexto, o marido e detentor do domínio da casa, sente o incômodo da mulher que se mostra desejosa por subverter essa ordem aparentemente harmônica do

contexto familiar nuclear, demonstrando súbita ousadia e ímpeto em romper seu exílio.

Em ambas as personagens, vê-se claramente o choque dos valores culturais atribuídos à figura feminina, bem como os preconceitos a elas impostos, quase sempre lhes sendo destinado como último recurso um casamento “bem-sucedido”. Além disso, há na escrita dos contos um teor irônico, especialmente na escolha dos títulos: “Amor” e “Laços de Família”, os quais contradizem em certa medida o caráter de perfeição atribuído aos sentimentos e vínculos estabelecidos em sociedade, inclusive no contexto da instituição familiar.

## REFERÊNCIAS:

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo: a experiência vivida**. 2. ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. *In: CANDIDO, et al. A personagem de ficção*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 51- 80.

CANDIDO, Antônio. Crítica e sociologia. *In: Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006, p. 13-25.

CANDIDO, Antônio. A literatura vida social. *In: Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006, p. 27-49.

GOTLIB, Nádía Battella. **Clarice: Uma Vida que se Conta**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do Conto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. Tradução: José Geraldo Couto. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo, Contexto, 2007.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. *In: CANDIDO, et al. A personagem de ficção*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 9- 49.

SCHWANTES, Cíntia. **Dilemas da representação feminina**. 2006. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/3734>> Acesso em: 12 de nov. de 2023.

SOUZA, Aida Kuri. **A personagem feminina na literatura brasileira**. Monografia [Especialização em Língua Portuguesa]. Universidade do Extremo Sul Catarinense–Unesc, Criciúma, 2005.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In: BONNICI, Thomas: ZOLIN, Lúcia Osana. (org.) Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: Eduern, 2009.